

Resenhas

poesia, vida e anarquia

LILY LITVAK

Claudio Rodríguez Fer. *Anarquia ou nada (Poemas da memoria libertaria)*. Lugo, Unión Libre, 2014, 122 pp.

A original edição de Unión Libre, que agora se publica, reúne algumas das poesias libertárias em galego de Claudio Rodríguez Fer. Esse conhecido escritor tem uma vasta e prolífica trajetória nas letras anarquistas. Desde *Poemas de amor sen morte*, de 1979, até *Anarquia ou nada*, de 2014, publicou diversas coleções de poemas de orientação libertária, como *A loite continúa [A luta continua]*, em 2004, e *Ámote vermella [Amo-te, vermelha]*, de 2009. Além disso, colaborou com o periódico *CNT* e com revistas anarquistas galegas como *Arco da vella*, *Marea negra* e o monográfico “Anarquia” de *Ólisbos*. É também autor de contos libertários, como “Parábola do Estado” e “Ácrata croata”, incluídos em *Meta-relatos* (1988) e outros livros de narrativa. Rodríguez Fer publicou, ainda, a obra *Gran Tirano*, em 2003, e outras peças teatrais antiautoritárias.

Lily Litvak é doutora em Literatura Comparada pela University of Califórnia; professora emérita pela University of Texas e membro correspondente da Real Academia de Bellas Artes y Nobles Letras de Córdoba, Espanha. Contato: yasha@austin.utexas.edu.

Em diversos ensaios, Rodríguez Fer realizou interpretações libertárias de Dostoiévski, Borges, Cernuda, Brassens, Granell e Valente. Também é importante indicar que tem sido um grande propagador do ideário libertário. Desde 1966 coordena, junto a Carmen Blanco, a revista *Unión Libre, Cadernos de vida e culturas*. Elaborou uma tese de doutorado sobre a literatura galega durante a Guerra Civil Espanhola (1936-39), em que inclui referências às publicações anarquistas daquele período, e promoveu, na Galícia, a *Asociación para a Dignificación das Vítimas do Fascismo*.

A presente obra surpreende pelo virtuosismo poético, assim como pelos temas e pela forma como os aborda. O livro não é apenas uma mostra da excelente poesia do autor, mas também uma declaração de seu compromisso com a liberdade.

Quando Rodríguez Fer fala de liberdade, refere-se, naturalmente, à liberdade política, mas também a uma liberdade pessoal baseada no indivíduo. O poeta expressa uma postura ao mesmo tempo autônoma e pluralista, particular e anti-hierárquica, sem limitações ideológicas, aberta e pluricultural, o que se pode notar desde o poema “Nin deus nin amo”, frase anarquista que implica o questionamento do poder, a impugnação de toda norma e a reivindicação da liberdade absoluta do indivíduo. Como descobrimos no poema, somente assim o homem poderá chegar a toda a sua grandeza, desenvolver suas capacidades e aspirações e abraçar o esplendor do mundo.

O tom poético whitmaniano, a admiração ante a vastidão do espaço, se expressa desde os versos primeiro e terceiro da composição: “A inmensidade sempre” [“A

imensidão sempre”]; “O aire, a terra, o mar” [“O ar, a terra, o mar”]. Ambos são complementados por um “sen deus nin amo”, que se repete como refrão. O poema, composto em versos livres, a base das enumerações acompanhadas pelo “sen deus nin amo”, tem um tom litúrgico, mas desvinculado das religiões estabelecidas. Expressa uma sensibilidade panteísta e a contemplação admirada do mundo num encontro lírico com a liberdade.

Após os versos iniciais, surpreende a imagem de “O tigre de Bengala”, uma possível referência de Rodríguez Fer a seu admirado escritor Jorge Luis Borges, que tem, ademais, a virtude de apresentar ao leitor o universo poético surrealista. Assim, o poema dá mais amplitude ao mundo, que deixa de ser um âmbito fechado e integra a vida com imaginação.

A partir desse apaixonado começo, o poema vai mencionando, de maneira solene, os líderes, próceres e teóricos anarquistas: Pierre-Joseph Proudhon, Mikhail Bakunin, Piotr Kropotkin, Emma Goldman, Buenaventura Durruti, Francisco Ferrer i Guardia... Mudando o refrão pela palavra “anarquia”, que se explica assim: “Porque cando o poder é o obstáculo para lograr a máxima expresión da orde existe unha palabra: anarquia” [“Porque quando o poder é o obstáculo para realizar a máxima expressão da ordem existe uma palavra: anarquia”].

O poema é universalista e, através do anarquismo, rompe seus próprios limites e abarca homens de muitos tempos e gerações. Na composição que vem a seguir – “Á vosa saúde (Baladas de Sacco e Vanzetti)” – Rodríguez Fer saúda os deserdados, os apátridas de todos os países da Terra, todos os imigrantes das “terras desunidas polo

estado” (“terras desunidas pelo Estado”), os exilados, todos aqueles “condenados a ser Sacco e Vanzetti” pelo poder de classe, de etnia, da empresa ou do Estado.

O mesmo acento universalista se nota em outras composições, como “Ámote, anarquista” [“Amo-te, anarquista”]. Este poema é uma homenagem às mulheres libertárias assassinadas na Galícia desde julho de 1936. Nele, o poeta esboça suas vidas e suas mortes, incluindo a presença física de gente esquecida pela história oficial. Numa viagem intra-histórica, o autor leva o leitor às casas operárias da Galícia anarquista, às humildes moras camponesas, às reuniões daquela “Galícia corsária sin estado” [“Galícia corsária sem Estado”], onde se falava contra o poder, contra a exploração e contra a servidão. Recortadas sob esse panorama, destacam-se as figuras de várias mulheres proletárias: María Bello Paz, empacotadora de peixes; María Otero e Alicia Dorado, viúvas de marinheiros; Pilar Fernández Seijas, metalúrgica; Josefa Barreiro, camponesa... Todas massacradas, algumas cantando a Internacional à viva voz...

O poema nos mostra, assim, que a poesia é também memória que faz viver o recordado. Em correspondência pessoal com o autor, Rodríguez Fer comentou comigo que, para ele, escrever esses poemas “supôs a purificação poética de um mundo pervertido pela indignidade e amnésia”. Para ele, a escritura de poesia parte da “experiência vital profunda”, e o poema “Ámote, anarquista”, de corte simbolista, foi “minhas flores do mal de Baudelaire, seus protagonistas equivaleram de algum modo às amigas de Verlaine e sua necessária rememoração se identificou, em boa medida, com uma temporada no inferno de Rimbaud”.

Devo mencionar, também, o magnífico poema “Varsoviana (Às barricadas)”, publicado por ocasião do centenário do grande pintor galego Eugenio Granell. O poema tem como epígrafe a frase “O bem mais apreciado é a liberdade”, do hino popular libertário “Às barricadas”. É um exemplo magistral da adesão estética do autor ao surrealismo, que continua, assim, a tradicional colaboração entre surrealismo e anarquismo. Podemos lembrar que o surrealismo baseou-se num individualismo extremo, sem nenhuma fronteira externa, e que reconheceu o anarquismo “muito antes de definir a si mesmo, e quando era apenas uma associação livre entre indivíduos, que rechaçavam espontaneamente, e em bloco, as opressões sociais e morais de seu tempo”, como escreveu o próprio André Breton, em “A clara torre”.

Em “Varsoviana”, o refrão é “estamos a granel com Granell”, e a menção a esse grande artista unifica ideologias e estéticas, atos de liberdade e transgressão: Trotsky, Péret, García Lorca, Valle-Inclán e Duchamp... Tudo isso termina com uma cascata de imagens deslumbrantes: um vulcão de caravanas numa viagem noturna, iluminado pelos tições da noite, pássaros de ouro, pássaros de prata e pássaros medusa; uma ave que abre as portas da noite, as barricadas pelo triunfo da imaginação... Solta-se as rédeas a uma visão surrealista na qual a ruptura dos limites da linguagem coincide com a ruptura dos limites do mundo. A linguagem é articulada a um discurso figurativo, mas sintaticamente instável, que não aspira fotografar, mas expressar um mundo percebido através de uma experiência radical de liberdade. A identidade dos seres mencionados ficou desconstruída, posto que o poema, como a pintura de Granell, não está sujeito a uma mensagem limitada

por uma lógica. E o próprio Rodríguez Fer trama, aqui, a habilidade do homem livre de reimaginar o mundo.

Esse é um livro que por muitos motivos recomendamos com entusiasmo. À pergunta tantas vezes feita sobre até que ponto é possível a expressão poética de questões sociais, cabe recordar Walt Whitman, para quem os “poetas são a voz da liberdade”.

A apresentação da obra é, ademais, muito interessante e imaginativa, encadernada em vermelho e negro, com bela e clara tipografia que facilita a leitura. É o quinto número da coleção *Poesia para tod@s*, e o exemplar é gratuito, pois, como se registra, pretende fazer a poesia chegar às pessoas “através de um projeto que entende sua difusão em função da sociedade e não, como geralmente ocorre, da sociedade em função da literatura (certames, prêmios, subvenções, institucionalizações, etc.). Porque a poesia é como o verdadeiro amor: não se compra nem se vende. Dá-se livremente”.

Tradução do espanhol por Thiago Rodrigues.